

Levantamento de plantas utilizadas na comunidade quilombola Lagoinha em Casa Nova, Bahia

Maria Tereza Ramos Braz da Silva¹

Centro de Estudos em Biologia Vegetal (CEBIVE), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Deyse Castro da Silva²

Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido (PPGDiDeS), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Liliane Ferreira Lima³

Centro de Estudos em Biologia Vegetal (CEBIVE), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

José Henrique Santos Souza⁴

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Programa de Pós Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial

Erilva Machado Costa⁵

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)

¹ Bacharela em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Mestranda do Programa de Etnobiologia e Conservação da Natureza, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Petrolina, Pernambuco, Brasil. Endereço para correspondência: Rodovia BR 407, 12 Lote 543 - Projeto de Irrigação Nilo Coelho - S/N, C1, Petrolina, Pernambuco, Brasil, CEP: 56300-000. **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0002-8020-5366>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8940546838897726>. **E-mail:** ramosmariatereza4@gmail.com.

² Bacharela em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido (PPGDiDeS), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Pernambuco, Brasil. Endereço para correspondência: Rodovia BR 407, 12 Lote 543 - Projeto de Irrigação Nilo Coelho - S/N, C1, Petrolina, Pernambuco, Brasil, CEP: 56300-000. **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0000-8926-6515>. **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/3111827176837256>. **E-mail:** deyse.castro@gmail.com.

³ Doutora em Botânica, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Gerente de Planejamento e Novos Projetos do Centro de estudos em Biologia Vegetal (CEBIVE), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Pernambuco, Brasil. Endereço para correspondência: Rodovia BR 407, 12 Lote 543 - Projeto de Irrigação Nilo Coelho - S/N, C1, Petrolina, Pernambuco, Brasil, CEP: 56300-000. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-2922-8810>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8940546838897726>. **E-mail:** lilianef.lima@gmail.com.

⁴ Mestre em Extensão Rural, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Doutorando do Programa de Pós Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Pernambuco, Brasil. Endereço para correspondência: Rodovia BR 407, 12 Lote 543 - Projeto de Irrigação Nilo Coelho - S/N, C1, Petrolina, Pernambuco, Brasil, CEP: 56300-000. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-6910-6458>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4357559286848248>. **E-mail:** henryque.jose03@gmail.com.

⁵ Doutora em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, Universidade Federal do Vale do São Francisco. Professora, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Jaguaquara, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: BR 420, s/n, Zona do Aeroporto, Jaguaquara, Bahia, Brasil, Cep 45345000. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-7268-0709>. **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/2890882443798213>. **E-mail:** eriflorest@gmail.com.

Renato Garcia Rodrigues⁶

Núcleo de Ecologia e Monitoramento Ambiental (NEMA), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Daniel Salgado Pifano⁷

Centro de Estudos em Biologia Vegetal (CEBIVE), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

RESUMO

Este estudo realizou um levantamento etnobotânico na comunidade Lagoinha, em Casa Nova (BA), por meio de entrevistas semiestruturadas e turnê-guiada em 25 residências. As espécies foram classificadas quanto às categorias de uso, parte utilizada e forma de uso, além de origem geográfica, endemismo, hábito e status de ameaça. Os entrevistados tinham entre 29 e 75 anos, a maioria com ensino fundamental incompleto. O conhecimento tradicional concentrou-se em pessoas acima de 40 anos, majoritariamente mulheres. As categorias predominantes foram medicinal (31 espécies), ornamental (21) e alimentícia (20). A família mais representativa foi Fabaceae e o hábito predominante foi erva. 39 espécies são cultivadas, 23 naturalizadas e 22 nativas. A espécie *Zea mays* (milho) apresentou o maior Valor de Uso (VU), evidenciando sua relevância local. O estudo destaca a riqueza florística, a importância cultural das plantas e a necessidade de políticas públicas de apoio à agricultura familiar e ao fortalecimento comunitário.

Palavras-chave: Etnobiologia; Etnobotânica; Caatinga; Comunidades tradicionais.

Survey of plants used in the Quilombola community of Lagoinha in Casa Nova, Bahia

ABSTRACT

This study conducted an ethnobotanical survey in the Lagoinha community, in Casa Nova (BA), through semi-structured interviews and guided tours in 25 households. The species were classified according to use categories, plant parts used, and forms of use, as well as geographic origin, endemism, growth habit, and conservation status. The interviewees were between 29 and 75 years old, most of them having incomplete elementary education. Traditional knowledge was concentrated among individuals over 40 years old, predominantly women. The predominant categories were medicinal (31 species), ornamental (21), and food (20). The most representative family was Fabaceae, and the predominant growth form was herbaceous. Thirty-nine species are cultivated, 23 naturalized, and 22 native. The species *Zea mays* (maize) showed the highest Use Value (UV), highlighting its local relevance. The study emphasizes floristic richness, the cultural importance of plants, and the need for public policies to support family farming and strengthen the community.

Keywords: Ethnobiology; Ethnobotany; Caatinga; Traditional communities.

⁶ Doutor em Ecologia e Conservação, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Pernambuco, Brasil. Endereço para correspondência: Rodovia BR 407, 12 Lote 543 - Projeto de Irrigação Nilo Coelho - S/N, C1, Petrolina, Pernambuco, Brasil, CEP: 56300-000. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-5576-8621>. **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/7948413419854650>. **E-mail:** renato.garcia@univasf.edu.br.

⁷ Doutor em Engenharia Florestal, Universidade Federal de Lavras (UFLA). Professor, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, Pernambuco, Brasil. Endereço para correspondência: Rodovia BR 407, 12 Lote 543 - Projeto de Irrigação Nilo Coelho - S/N, C1, Petrolina, Pernambuco, Brasil, CEP: 56300-000. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-8361-7337>. **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6757045586417265>. **E-mail:** daniel.pifano@univasf.edu.br.

Estudio de plantas utilizadas en la comunidad quilombola de Lagoinha en Casa Nova, Bahía

RESUMEN

Este estudio realizó un levantamiento etnobotánico en la comunidad Lagoinha, en Casa Nova (BA), mediante entrevistas semiestructuradas y recorridos guiados en 25 viviendas. Las especies fueron clasificadas según categorías de uso, parte utilizada y forma de uso, además de origen geográfico, endemismo, hábito y estado de amenaza. Los entrevistados tenían entre 29 y 75 años, en su mayoría con educación primaria incompleta. El conocimiento tradicional se concentró en personas mayores de 40 años, mayoritariamente mujeres. Las categorías predominantes fueron medicinal (31 especies), ornamental (21) y alimentaria (20). La familia más representativa fue Fabaceae y el hábito predominante fue herbáceo. Treinta y nueve especies son cultivadas, 23 naturalizadas y 22 nativas. La especie *Zea mays* (maíz) presentó el mayor Valor de Uso (VU), evidenciando su relevancia local. El estudio destaca la riqueza florística, la importancia cultural de las plantas y la necesidad de políticas públicas de apoyo a la agricultura familiar y al fortalecimiento comunitario.

Palabras clave: Enobiología; Etnobotánica; Caatinga; comunidades tradicionales.

INTRODUÇÃO

A Etnobotânica, vertente da Etnobiologia, busca compreender como as populações interagem com o meio ambiente e utilizam os recursos vegetais para atender suas necessidades culturais e físicas (Albuquerque et al., 2019). O crescente interesse, nas últimas décadas, pelo conhecimento tradicional associado ao uso e à comercialização de plantas medicinais e produtos fitoterápicos tem impulsionado a expansão das pesquisas científicas nessa área (Freitas et al., 2012; Alves et al., 2016). Esse movimento é especialmente relevante em países megadiversos como o Brasil, cuja flora é estimada entre 50.000 e 60.000 espécies (Albergaria et al., 2019). Entre seus domínios fitogeográficos, destaca-se a Caatinga, exclusivamente brasileira, ocupa uma área de cerca de 862.818 km², o equivalente a 10,1% do território nacional (IBGE, 2019).

Apesar de sua grande diversidade, a Caatinga ainda é marcada pela ideia equivocada de improdutividade, o que reforça pressões como exploração madeireira, uso de plantas medicinais, conversão da vegetação em pastagens e coleta de lenha contribuindo para a degradação do bioma (Albuquerque; Andrade, 2002). Ao mesmo tempo, grande parte da população residente nessa região depende diretamente dos recursos vegetais para sobreviver, incluindo madeira, plantas medicinais e combustível doméstico (Albergaria et al., 2019). Assim, o conhecimento acumulado pelas populações locais constitui uma ferramenta essencial para o planejamento e o manejo das áreas naturais (Albuquerque; Andrade, 2002), reforçando a importância de estudos etnobotânicos que documentem usos, manejos e impactos, tanto diretos quanto indiretos sobre a vegetação (Albuquerque, 2005; Albuquerque et al., 2022).

Além de contribuir para o conhecimento florístico, a etnobotânica resgata as informações geradas pelos informantes das comunidades estudadas, evidenciando saberes tradicionais. Resgata também elementos culturais e compreende práticas de manejo da flora, buscando integrar o saber científico ao conhecimento local para subsidiar estratégias de desenvolvimento e conservação (Marques, 2002; Rocha et al., 2015). Essa integração revela a capacidade da etnobotânica de aproximar diferentes formas de conhecimento, mitigar impactos ambientais, criar alternativas produtivas e fortalecer a sustentabilidade socioambiental.

No âmbito social, o Decreto Federal nº 6.040/2007 define povos e comunidades tradicionais como grupos culturalmente diferenciados, que se reconhecem como tais, possuem formas próprias de organização social e utilizam territórios e recursos naturais como base para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. Enquadram-se nessa categoria diversos grupos, como povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, pantaneiros, caiçaras, ciganos, quebradeiras de coco-babaçu, entre outros (Brasil, 2007). No território nacional, a região Nordeste, especialmente o estado da Bahia, apresenta o maior número de comunidades quilombolas do Brasil (Anjos, 2000).

O modo de vida desses grupos tem sido reconhecido como importante fator para a conservação dos ecossistemas, dada sua forte relação com a biodiversidade (Diegues, 2000). Entretanto, ainda persiste na sociedade brasileira uma visão simplificada sobre os quilombos, frequentemente limitados à ideia de comunidades formadas por escravizados fugidos e isolados (Silva, 2021), concepção reforçada ao longo do tempo por materiais didáticos. Contudo, essas comunidades representam, sobretudo resistência, autonomia e construção identitária (CPI/SP, 2020).

Diante desse contexto, a etnobotânica torna-se uma abordagem fundamental para compreender pensamentos, crenças, sentimentos e comportamentos que mediam as interações entre populações humanas e os ecossistemas, bem como os impactos decorrentes dessas relações (Marques, 2002). Desse modo, considerando a relevância já descrita sobre os quilombos, o presente estudo tem como objetivo realizar um levantamento etnobotânico na comunidade Lagoinha, localizada no município de Casa Nova, Bahia

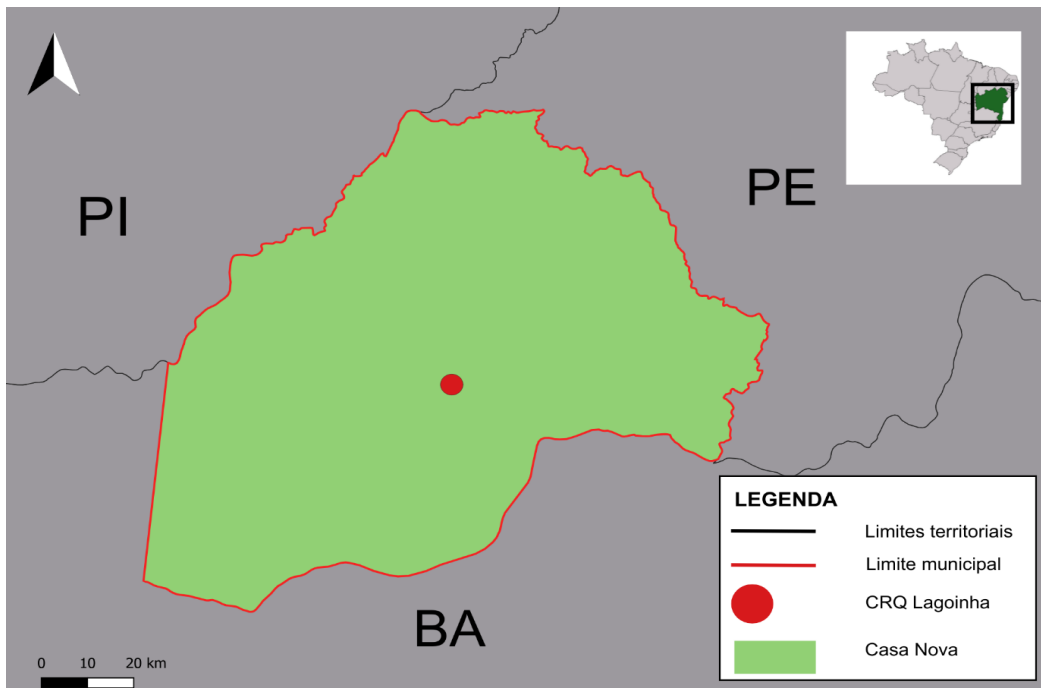
Diante desse contexto, considerando a relevância sociocultural e ecológica dos quilombos e a forte relação dessas comunidades com os recursos vegetais da Caatinga, o presente estudo apresenta resultados do levantamento etnobotânico realizado na comunidade Lagoinha, localizada em Casa Nova, Bahia, buscando contribuir para o registro e valorização dos saberes locais. Por meio desse levantamento, tivemos como objetivos: 1. Identificar o perfil socioeconômico dos moradores; 2. listar as espécies indicadas pelos especialistas locais; 3. classificar as espécies de acordo sua forma de vida, origem geográfica, endemismo e grau de ameaça; 4. analisar, quantitativa e qualitativamente, os diferentes usos das espécies vegetais apontados pela comunidade.

METODOLOGIA

Área de estudo

O presente estudo foi realizado na comunidade quilombola de Lagoinha em Casa Nova, Bahia, (9°17'47.311" S 41°17' 55.858" W; Figura 1). O Município de Casa Nova possui uma área de 9.657,51 km², fica cerca de 68.6 km do município de Juazeiro e 572 km de Salvador, situado às margens do rio São Francisco, na região do Médio São Francisco, imerso no Domínio Fitogeográfico da Caatinga, na ecorregião Dunas do São Francisco (Veloso et al., 2001).

Figura 1 – Localização da Comunidade Lagoinha no município de Casa Nova, Bahia



Fonte: Elaboração pelos autores

Essa ecorregião possui 36.170 Km² de extensão e localiza-se no centro-oeste da Caatinga, circundada pela Depressão Sertaneja Meridional, sendo formadas por extensos depósitos eólicos, podendo ultrapassar 100m de altura, possui solos arenosos e profundos, de areias quartzosas, com fertilidade muito baixa (Veloso et al., 2001). A altitude varia de 150-700m e os únicos recursos hídricos provêm das escassas chuvas e dos riachos efêmeros que nascem na região (Veloso et al., 2001). O clima é semiárido, com estação chuvosa de outubro a abril e precipitação média anual de 800 mm na parte sul. A parte norte é mais seca, com média em torno de 470-500 mm/ano. No que se refere a vegetação é formada por moitas, predominantemente arbustivas, densas, sendo mais esparsas em áreas de tabuleiros (Veloso et al., 2001).

Aspectos éticos e legais

O estudo foi submetido e autorizado pelo Comitê de Ética Humana da Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF (CEP/CONEP 7.241.058), com aprovação ética concedida em 14 de fevereiro de 2025. O termo de consentimento livre esclarecido (Anexo 1) foi utilizado para obter anuência dos entrevistados em relação à sua participação nesse estudo. Além disso, para o uso das fotos dos moradores, também foi aplicado o termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa.

Coleta de dados

O trabalho de campo foi realizado quinzenalmente, totalizando 10 expedições. A abordagem selecionada foi de observação direta, devido ao maior contato com a comunidade, porém, sem envolvimento total. A coleta de dados foi realizada com moradores com idade

superior a 18 anos, residentes na comunidade e que concordaram em participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A metodologia adotada foi quali-quantitativa, onde os dados sobre as plantas utilizadas pelos moradores da comunidade foram obtidos através da aplicação de questionários semiestruturados, contendo perguntas sobre as informações pessoais dos especialistas locais, nome popular das plantas conhecidas, finalidade de uso, quais partes que são utilizadas e formas de manuseio. No que se refere a forma de uso apresentadas pelos informantes, as espécies foram classificadas em quatro categorias: medicinal, alimentícia (quando se referir a alimentação humana), alimentação animal, ornamental e espiritual.

As entrevistas foram conduzidas segundo a metodologia proposta pelo IBGE (2010), em formato de censo, com aplicação presencial dos questionários. As visitas ocorreram conforme a disponibilidade dos moradores, de modo a não interferir em suas rotinas. Além disso, outros instrumentos foram utilizados como a observação sistemática das plantas com o registro fotográfico e as observações em campo que foram documentadas na caderneta de coleta.

Todos os informantes foram entrevistados individualmente, para evitar influência nas respostas, conforme recomendação de Phillips & Gentry (1993). Durante as entrevistas, foram coletadas amostras botânicas em estado estéril ou fértil. Posteriormente, o material coletado foi herborizado, de acordo com técnicas usuais de herborização (MORI et al., 1989) e tombados no Herbário de Referência do Sertão Nordeste (HRSN), localizado na UNIVASF.

Posteriormente, realizou-se uma turnê-guiada com o especialista local para identificar os locais das espécies botânicas e realizar as coletas. Essa turnê, conduzida nos quintais da comunidade, é uma técnica de trabalho de campo que normalmente requer um guia (informante-chave) com amplo conhecimento sobre a flora local (Costa et al., 2023).

A identificação das espécies foi realizada com base na literatura especializada e comparações com exemplares previamente identificados, pertencentes ao acervo do Herbário de Referência do Sertão Nordeste (HRSN). A identificação taxonômica das espécies foi feita a partir do uso de literatura especializada, análise morfológica do material coletado, consulta a base de dados online, como o Flora e Funga do Brasil (<https://floradobrasil.jbrj.gov.br>) e *Specieslink* (<https://specieslink.net>), além de comparação com os exemplares já identificados presentes no acervo do herbário HRSN.

O sistema de classificação adotado foi o APG IV (2016), a escrita correta dos nomes botânicos, dados sobre forma de vida, origem geográfica, endemismo para Caatinga foram baseados no Flora e Funga do Brasil (2025). O status de ameaça das espécies foi verificado conforme a Portaria MMA nº 148 de 7 de junho de 2022 (MMA, 2022). Todas as espécies foram listadas em uma tabela, contendo nome científico, nomes populares (literalmente representados), localidade e categorias de uso.

Análise dos dados

Para determinar as espécies e/ou famílias mais importantes para a população, utilizou-se a técnica de Valor de Uso (VU), proposta por Phillips & Gentry (1993).

$$VU = \frac{\sum U_{pi}}{n_{pi}}$$

Onde, U_{pi} é o número de usos mencionados por informante por planta em cada entrevista e n_{pi} é o número de eventos com o informante por planta. O Valor de Uso (VU) foi calculado para todas as espécies citadas pelos informantes-chave, independente da categoria de uso, tendo como base o número de vezes que a espécie foi citada e a soma de usos destinados a elas (Lucena et al., 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil socioeconômico dos moradores de Lagoinha

Do total de aproximadamente 40 famílias que compõem a comunidade quilombola Lagoinha (informação obtida com o presidente da comunidade), foram visitadas 25 residências (62,5% do total), tendo sido entrevistados 25 moradores (um por residência). Em relação à faixa etária dos entrevistados, a idade variou entre 29 e 75 anos, sendo a média etária de 51,3 anos. A maior parte dos detentores de conhecimento possui idade acima de 40 anos (20 moradores, correspondendo a 80% dos entrevistados). Apenas três participantes (12%) estavam na faixa de 31 a 40 anos, enquanto dois (8%) tinham entre 20 e 30 anos (Quadro 1). Garro (1986) aponta que o envelhecimento está naturalmente associado ao processo de aquisição de conhecimento, pois o passar do tempo permite o acúmulo de experiências e saberes.

Quadro 1. Frequência absoluta (FA) e frequência relativa (FR) de respostas dos informantes-chave entrevistados na comunidade quilombola Lagoinha, município de Casa Nova, Bahia.

| Gênero | FA | FR |
|-------------------------------------|-----------|-----------|
| Feminino | 16 | 64% |
| Masculino | 9 | 36% |
| Total | 25 | 100,0% |
| Idade | FA | FR |
| 20 a 30 anos | 2 | 8% |
| 31 a 40 anos | 3 | 12% |
| Mais de 60 anos | 20 | 80% |
| Total | 25 | 100,0% |
| Tempo que mora na comunidade | FA | FR |
| 0 a 10 anos | 1 | 4% |
| 10 a 20 anos | 1 | 4% |

| | | |
|-----------------------|-----------|-----------|
| Mais de 20 anos | 23 | 92% |
| Total | 25 | 100.0% |
| Ocupação | FA | FR |
| Agricultor | 14 | 56% |
| Aposentado | 1 | 4% |
| Dona de casa | 4 | 16% |
| Professor | 3 | 12% |
| Outra | 3 | 12% |
| Total | 25 | 100,0% |
| Escolaridade | FA | FR |
| Não alfabetizado | 1 | 4% |
| Ensino fundamental | 15 | 60% |
| Ensino fundamental | 0 | 0% |
| Ensino médio | 0 | 0% |
| Ensino médio completo | 6 | 24% |
| Ensino superior | 3 | 12% |
| Total | 25 | 100,0% |

Fonte: Elaboração pelos autores

A maioria dos entrevistados eram mulheres (16), enquanto nove eram homens (Quadro 1). Esse padrão também foi observado por Silva et al. (2012) em comunidades remanescentes de quilombos na Chapada Diamantina (BA), onde igualmente houve maior participação feminina nas entrevistas. Desse modo, pode-se dizer que na comunidade de Lagoinha as mulheres são as detentoras de maior parte do conhecimento adquirido pela comunidade. Nessa perspectiva, para Pastore (2005) o espaço doméstico permanece na grande maioria das famílias, ainda sob responsabilidade das mulheres e as atividades por elas desenvolvidas, extrapolaram o espaço delimitado da casa e do cuidado dos filhos, incluindo também as atividades da horta e da roça.

No que se refere à escolaridade, 60% dos entrevistados possuem ensino fundamental incompleto, 24% possuem ensino médio completo, 12% possuem ensino superior e 4% não são alfabetizados (Quadro 1). Muitos informantes relataram o difícil acesso à educação e, além disso, tinham que optar por trabalhar para ajudar a sustentar a família, não sobrando tempo para concluir o ensino básico. A maior parte dos informantes que não concluiu o ensino fundamental pertence ao grupo que vive na comunidade desde o nascimento. Muitos relataram que, em decorrência da construção da barragem e da inundação do antigo município de Casa Nova,

foram obrigados a deixar a comunidade, contudo, retornaram aos seus terrenos assim que possível, com o objetivo de reconstruir suas vidas.

Cerca de 92% dos moradores da comunidade relataram viver no território há mais de 20 anos, enquanto 4% residem entre 10 e 20 anos e outros 4% há menos de 10 anos, em geral, por terem se casado com pessoas que já possuíam terreno na comunidade (Quadro 1). Estudos anteriores também apontam que moradores com maior tempo de residência e ensino fundamental incompleto tendem a apresentar maior conhecimento sobre a flora local (Albuquerque et al., 2011; Mígueis et al., 2018).

Desse modo, percebe-se que as práticas socioculturais são as constituições sociais decorrentes da interação social dos sujeitos com o seu meio e com as relações que se estabelecem na interface junto ao contexto histórico e cultural, assim permitem que as pessoas e a sociedade se construam com as práticas socioculturais (Karnopp et al., 2024). Essa relação fica mais evidente quando os informantes responderam sobre suas atividades, 56% são agricultores familiares, 16% são donas de casa, 12% são professores da comunidade, 12% têm outras profissões, como a meliponicultura e 4% são aposentados, mas todos estão ligados a agricultura e participam diariamente das atividades de cultivo.

Todos os informantes são proprietários de suas terras, para moradia, criação de animais e cultivo agrícola. A atividade geralmente praticada é a produção de mandioca, a agricultura de sequeiro, que apresentam baixa produtividade devido à falta de chuvas na região (Lopes, 2018).

Quanto ao quantitativo a respeito dos meios de delegação do conhecimento, 96% relataram que aprenderam os usos das plantas com seus pais e avós e 4% com outras pessoas (Quadro 2). Motta et al. (2016) afirmam que o contato familiar evidencia a importância da família na transmissão do conhecimento através da oralidade.

Quadro 2. Frequência absoluta (FA) e frequência relativa (FR) de respostas dos informantes-chave entrevistados na comunidade quilombola Lagoinha, município de Casa Nova, Bahia.

| Com quem aprendeu a usar? | FA | FR |
|---------------------------|----|--------|
| Pais e avós | 24 | 96% |
| Vizinhos | 0 | 0% |
| Amigos | 0 | 0% |
| TV / Internet | 0 | 0% |
| Outros | 1 | 4% |
| Total | 25 | 100,0% |

Fonte: Elaboração pelos autores

Riqueza e levantamento etnobotânico

Nos levantamentos realizados com os informantes-chave, foram mencionadas 84 espécies utilizadas e cultivadas na comunidade, distribuídas em 40 famílias botânicas e 76 gêneros (Tabela 3). O número de espécies registradas pode ser considerado adequado em

comparação a outros estudos. Por exemplo, foi ligeiramente inferior ao observado por Dario (2018), que identificou 87 espécies, utilizando a mesma metodologia de censo e turnê-guiada, em pesquisa com as terras indígenas Pankararu, nos municípios de Petrolândia, Tacaratu e Jatobá, em Pernambuco. Por outro lado, o número encontrado foi superior ao registrado por Felix et al. (2019), que catalogaram 80 espécies em comunidades rurais da Serra do Jatobá, no município de Serra Branca, Paraíba.

Das 84 espécies registradas, 31 foram citadas exclusivamente como medicinais, 21 como ornamentais, 20 como alimentícias (destinadas à alimentação humana), quatro como alimento animal e uma espécie de uso espiritual. Algumas espécies apresentaram mais de um uso: quatro foram mencionadas tanto como alimentícias quanto para alimentação animal, duas acumularam usos alimentício e medicinal, e uma espécie foi citada como ornamental e espiritual. Os resultados referentes às plantas medicinais evidenciam um forte aspecto cultural na comunidade, especialmente diante do difícil acesso a serviços de saúde, conforme relataram os informantes-chave. espaçamento simples. Os títulos dos Quadros devem seguir a instrução: letra *Times New Roman*, tamanho 12, espaçamento simples. As fontes em letra *Times New Roman*, tamanho 10, espaçamento simples Sempre mencionar a fonte

Tabela 3. Lista de Famílias e Espécies citadas pelos informantes da comunidade de Lagoinha, Casa Nova, Bahia. E – Endemismo; A – Grau de Ameaça; PU – Parte utilizada da planta; FU – Formas de uso; NI – Número de Informantes; VU – Valor de Uso.

| Famílias/Espécies | Origem | E | A | Nome popular | Uso | PU | FU | Uso medicinal | Habito | NI | VU |
|--|--------------|---|----|-------------------|-------------|--------------|-----------|-----------------------|------------|----|------|
| Amaranthaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kunze | Nativa | | NE | Meracilina | Medicinal | Folhas | | Febre | Subarbusto | 3 | 0,12 |
| <i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants | Naturalizada | | NE | Mastruz | Alimentícia | Folhas | Chá | | Erva | 2 | 0,08 |
| Amaryllidaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Allium fistulosum</i> L. | Cultivada | | NE | Cebolinha | Alimentícia | Folhas | | | Erva | 1 | 0,04 |
| <i>Allium</i> L. | Cultivada | | | Alho-poró | Alimentícia | Folhas | | | Erva | 1 | 0,04 |
| <i>Urceolina grandiflora</i> (Hook.) Hanst. | Cultivada | | NE | Lirio-do-Amazonas | Ornamental | | | | Erva | 1 | 0,04 |
| Anacardiaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Astronium urundeuva</i> (M.Allemão) Engl. | Nativa | | LC | Aroeira | Medicinal | Folhas/casca | Chá/banho | Gripe, dor de barriga | Árvore | 7 | 0,28 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|--------------|--|----|-------------------------|-------------|------------------|---------------|----------|------------|---|------|
| <i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl. | Nativa | | LC | Baraúna | Espiritual | Folhas/ casca | Chá/ banho | Limpeza | Árvore | 3 | 0,12 |
| <i>Spondias purpurea</i> L. | Cultivada | | | Siriguela | Alimentícia | Fruto | | | Árvore | 4 | 0,16 |
| Apiaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Coriandrum sativum</i> L. | Cultivada | | NE | Coentro | Alimentícia | | | | Erva | 6 | 0,24 |
| <i>Pimpinella anisum</i> L. | Cultivada | | NE | Erva-doce | Medicinal | Folhas | Chá | Calmante | Erva | 1 | 0,04 |
| Apocynaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Adenium obesum</i> (Forssk.) Roem. & Schult. | Cultivada | | NE | Rosa-do-deserto | Ornamental | | | | Arbusto | 3 | 0,12 |
| <i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don | Cultivada | | NE | Boa-noite | Ornamental | | | | Subarbusto | 1 | 0,04 |
| Araceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent. | Nativa | | NE | Não soube informar | Ornamental | | | | Erva | 2 | 0,08 |
| <i>Dieffenbachia</i> sp. | Nativa | | | Comigo-ninguem- pode | Ornamental | | | | Erva | 1 | 0,04 |
| <i>Dieffenbachia seguine</i> Schott. | Nativa | | | Comigo-ninguem- pode | Ornamental | | | | Erva | 1 | 0,04 |
| <i>Philodendron</i> sp. | Nativa | | | Não soube informar | Ornamental | | | | Arbusto | 1 | 0,04 |
| <i>Syngonium podophyllum</i> Schott. | Naturalizada | | NE | Não soube informar | Ornamental | | | | Erva | 1 | 0,04 |
| <i>Zamioculcas zamiifolia</i> (L.) Burm.f. | Cultivada | | NE | Zamioculca | Ornamental | | | | Erva | 3 | 0,12 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|--------------|--|----|-----------------------|---------------------------|-----------|--------------|---|----------|---|------|
| Araliaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Polyscias fruticosa</i> (L.) Harms | Cultivada | | NE | Árvore-da-felicidade | Ornamental/ Espiritual | | | | Arbusto | 1 | 0,04 |
| Arecaeae | | | | | | | | | | | |
| <i>Cocos nucifera</i> L. | Naturalizada | | NE | Coco | Alimentícia | | | | Palmeira | 1 | 0,04 |
| Asparagaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Asparagus</i> sp. | Cultivada | | | Alfinete | Ornamental | | | | Arbusto | 1 | 0,04 |
| <i>Dracaena trifasciata</i> (Prain) Mabb | Cultivada | | NE | Espada-de-São/Santa | Ornamental | | | | Erva | 7 | 0,28 |
| Asphodelaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f. | Cultivada | | NE | Babosa | Medicinal | Mucilagem | Xarope | Gripe, inflamação, dor de estomago | Erva | 4 | 0,16 |
| Aspleniaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Asplenium nidus</i> L. | Cultivada | | NE | Não soube informar | Ornamental | | | | Erva | 1 | 0,04 |
| Asteraceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Bidens pilosa</i> L. | Naturalizada | | NE | Picão | Medicinal | Folhas | Chá/ sumo | Hepatite | Erva | 1 | 0,04 |
| <i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp. | Naturalizada | | NE | Boldo | Medicinal | Folhas | Chá | Má digestão, gases | Arbusto | 8 | 0,32 |
| <i>Lactuca sativa</i> L. | Cultivada | | NE | Alface | Alimentícia | | | | Erva | 3 | 0,12 |
| Begoniaceae | | | | | | | | | | | |

| | | | | | | | | | | | |
|---|--------------|---|----|-------------------------|--------------------|--------|-----|-------------------|---------------------------|---|------|
| <i>Begonia aconitifolia</i> A.DC. | Cultivada | | | Begônia-asa- de- anjo | Ornamental | | | | Subarbusto | 1 | 0,04 |
| Bignoniaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos | Nativa | | NT | Pau- d'arco | Medicinal | Casca | Chá | Infecção, inchaço | Árvore | 1 | 0,04 |
| Brassicaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Lepidium ruderales</i> L. | Naturalizada | | NE | Agrião | Medicinal | Folhas | Chá | Gripe | Erva | 2 | 0,08 |
| Cactaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Cereus jamacaru</i> DC. | Nativa | x | NE | Mandacaru-sem - espinho | Ornamental | | | | Árvore | 1 | 0,04 |
| <i>Opuntia ficus-indica</i> (L.) Mill. | Naturalizada | | NE | Palma | Alimentação animal | | | | Arbusto | 9 | 0,36 |
| <i>Selenicereus undatus</i> (Haw.) D.R.Hunt | Naturalizada | | NE | Pitaia | Alimentícia | | | | Arbusto | 4 | 0,16 |
| Commelinaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Callisia repens</i> (L.) Schott | Nativa | | NE | Não soube informar | Ornamental | | | | Erva | 1 | 0,04 |
| Convolvulaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam. | Naturalizada | | NE | Batata- doce | Alimentícia | | | | Liana/volúvel /trepadeira | 1 | 0,04 |
| Crassulaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw | Naturalizada | | NE | Não soube informar | Ornamental | | | | Erva | 1 | 0,04 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|--------------|---|----|----------------------|------------------------------------|------------------|----------------|------------------------------|---------------------------|----|------|
| <i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers | Naturalizada | | NE | Folha- santa | Medicinal | Folhas | Chá | Problemas uterinos, próstata | Erva | 2 | 0,08 |
| Cucurbitaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai | Cultivada | | NE | Melancia | Alimentícia | | | | Liana/volúvel /trepadeira | 4 | 0,16 |
| <i>Cucumis anguria</i> L. | Nativa | | NE | Maxixe | Alimentícia | | | | Liana/volúvel /trepadeira | 1 | 0,04 |
| <i>Cucurbita</i> sp. | Cultivada | | NE | Abóbora | Alimentícia | | | | Liana/volúvel /trepadeira | 7 | 0,28 |
| Euphorbiaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Cnidoscolus obtusifolius</i> Pohl ex Baill. | Nativa | x | NE | Favela | Medicinal | Latex/ casca | Chá | Coceira, azia | Árvore | 1 | 0,04 |
| <i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A.Juss. | Cultivada | | NE | Cróton | Ornamental | | | | Árvore | 1 | 0,04 |
| <i>Euphorbia tithymaloides</i> L. | Cultivada | | NE | Sapatinho-de- judeu | Ornamental | | | | Erva | 1 | 0,04 |
| <i>Jatropha molissima</i> (Pohl) Baill. | Nativa | | NE | Pinhão-roxo | Medicinal | Folhas | Banho | Picada de cobra, reza | Árvore | 1 | 0,04 |
| <i>Manihot esculenta</i> Crantz | Nativa | | NE | Mandioca | Alimentícia/ Alimentação animal | | | | Arbusto | 16 | 0,64 |
| Fabaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Amburana cearensis</i> (Allemao) A.C.Sm. | Nativa | | NT | Umburana- de- cheiro | Medicinal | Folhas/ sementes | Chá/ in natura | Dor de barriga | Árvore | 3 | 0,12 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|--------------|---|----|--------------------------|------------------------------------|--------------|----------|------------------------------|------------|----|------|
| <i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul | Nativa | | NE | Angico-de-carçoço | Medicinal | Casca | No leite | Pneumonia, anemia | Árvore | 1 | 0,04 |
| <i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth | Naturalizada | | NE | Feijão- andu | Medicinal | Folhas | Chá | Problemas de visão | Arbusto | 1 | 0,04 |
| <i>Cenostigma pyramidale</i> (Tul.) Gagnon & G.P.Lewis | Nativa | x | LC | Catingueira/ Pau de rato | Medicinal | Folhas/casca | Chá | Dor de estômago, má digestão | Árvore | 9 | 0,36 |
| <i>Gliricidia sepium</i> (Jacq.) Kunth ex Walp. | Naturalizada | | NE | Gliricidia | Alimentação animal | | | | Árvore | 6 | 0,24 |
| <i>Leucaena</i> sp. | Naturalizada | | | Leucena | Alimentação animal | | | | Arbusto | 5 | 0,2 |
| <i>Parkinsonia aculeata</i> L. | Nativa | | NE | Turquia | Medicinal | Folhas | Chá | Pressão alta | Árvore | 1 | 0,04 |
| <i>Phaseolus vulgaris</i> L. | Cultivada | | NE | Feijão | Alimentícia/ Alimentação animal | | | | Subarbusto | 15 | 0,6 |
| <i>Tamarindus indica</i> L. | Cultivada | | NE | Tamarindo | Medicinal | Fruto | Chá | Diabetes, colesterol | Árvore | 2 | 0,08 |
| Gesneriaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Episcia cupreata</i> (Hook.) Hanst. | Cultivada | | NE | Lacinho-de-amor | Ornamental | | | | Erva | 1 | 0,04 |
| Lamiaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Coleus amboinicus</i> Lour. | Cultivada | | NE | Malvão | Medicinal | Folhas | Chá | Problemas pulmonares | Erva | 6 | 0,24 |
| <i>Coleus barbatus</i> (Andrews) Benth. | Cultivada | | NE | Sete-dores | Medicinal | Folhas | Chá | Gastrite | Arbusto | 3 | 0,12 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|--------------|--|----|-------------------------|-------------|-------------|-------|----------|--------|---|------|
| <i>Leonitis nepetifolia</i> (L.) R.Br. | Naturalizada | | NE | Cordão-de São-Francisco | Medicinal | Folhas | Chá | | Erva | 1 | 0,04 |
| <i>Mentha</i> sp. | Naturalizada | | NE | Hortelã-vick | Medicinal | Folhas | Chá | Gripe | Erva | 8 | 0,32 |
| <i>Mentha piperita</i> L. | Cultivada | | NE | Hortelã-miudo/preto | Medicinal | Folhas | Chá | Verme | Erva | 8 | 0,32 |
| Malpighiaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Malpighia emarginata</i> DC. | Cultivada | | NE | Acerola | Alimentícia | | | | Árvore | 3 | 0,12 |
| Malvaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Pseudobombax tomentosum</i> (Mart.) A.Robyns | Nativa | | LC | Umburuçu | Medicinal | Casca | Molho | Coceira | Árvore | 2 | 0,08 |
| Meliaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Azadirachta indica</i> A.Juss. | Cultivada | | NE | Nim | Ornamental | | | | Árvore | 1 | 0,04 |
| Moraceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Morus nigra</i> L. | Cultivada | | NE | Amora | Alimentícia | | | | Árvore | 2 | 0,08 |
| Moringinaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Moringa oleifera</i> Lam. | Cultivada | | NE | Moringa | Medicinal | Folhas/flor | Chá | Diabetes | Árvore | 6 | 0,24 |
| Musaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Musa paradisiaca</i> L. | Cultivada | | NE | Banana | Alimentícia | | | | Erva | 1 | 0,04 |
| Myrtaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Psidium guajava</i> L. | Naturalizada | | NE | Goiaba | Alimentícia | | | | Árvore | 2 | 0,08 |
| Nephrolepidaceae | | | | | | | | | | | |

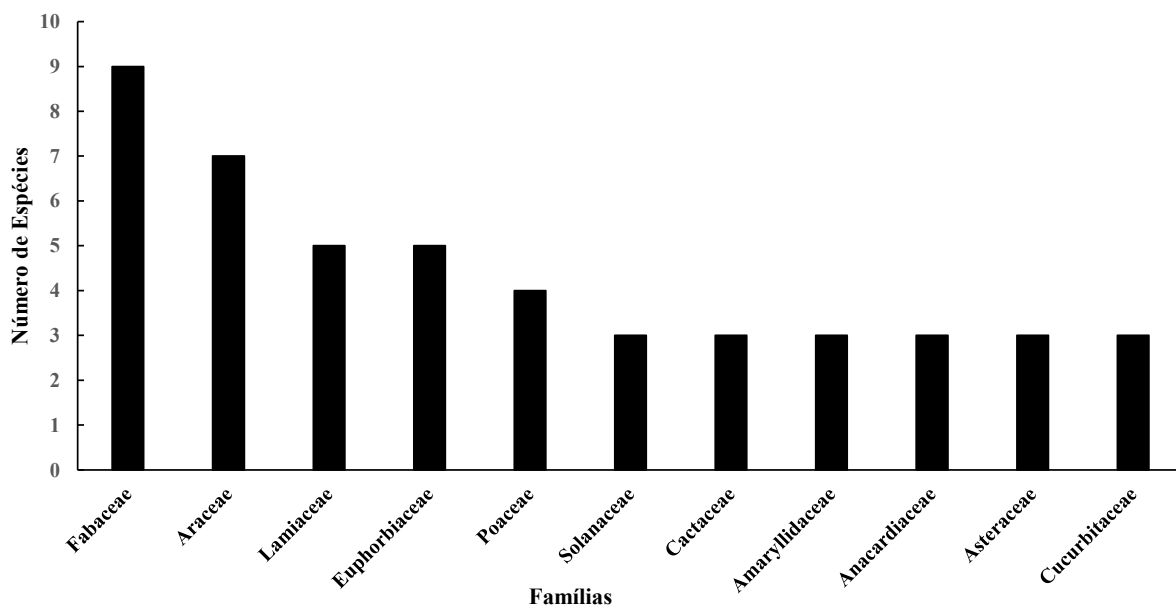
| | | | | | | | | | | | |
|--|--------------|--|----|-------------------------------|------------------------------------|--------|------|----------------------------------|---------------------------|----|------|
| <i>Nephrolepis</i> sp. | Naturalizada | | NE | Samambaia | Ornamental | | | | Erva | 1 | 0,04 |
| Indeterminada | | | | Samambaia | Ornamental | | | | Erva | 1 | 0,04 |
| Passifloraceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Passiflora</i> sp. | Nativa | | | Maracugina | Alimentícia | | | | Liana/volúvel /trepadeira | 2 | 0,08 |
| <i>Passiflora cincinnata</i> Mast. | Nativa | | NE | Maracujá-da-caatinga | Medicinal | Fruto | Sumo | Calmante | Liana/volúvel /trepadeira | 3 | 0,12 |
| Phytolaccaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Petiveria alliacea</i> L. | Naturalizada | | NE | Tipi | Medicinal | Folhas | Chá | Dor de cabeça | Subarbusto | 1 | 0,04 |
| Plantaginaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Plantago major</i> L. | Naturalizada | | NE | Tanchagem | Medicinal | Folhas | Chá | Dor de barriga | Erva | 2 | 0,08 |
| Poaceae | | | | | | | | | | | |
| <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf | Naturalizada | | NE | Capim-santo/ Capim-limão | Medicinal | Folhas | Chá | Febre, gripe, gases, calmante | Erva | 9 | 0,36 |
| <i>Saccharum officinarum</i> L. | Cultivada | | NE | Cana-de-açúcar/ Capim-cana | Alimentícia/ Alimentação animal | | | | Erva | 2 | 0,08 |
| <i>Sorghum</i> sp. | Naturalizada | | NE | Sorgo | Alimentação animal | | | | Erva | 4 | 0,16 |
| <i>Zea mays</i> L. | Cultivada | | NE | Milho | Alimentícia/ Alimentação animal | | | | Erva | 17 | 0,68 |

| | | | | | | | | | | |
|--|--------------|--|----|-------------------------------------|---------------------------|-----------------|------|------------------|---------|--------|
| Rubiaceae | | | | | | | | | | |
| <i>Morinda citrifolia</i> L. | Cultivada | | NE | Noni | Medicinal | Fruto | Sumo | Múltiplos usos | Árvore | 1 0,04 |
| Rutaceae | | | | | | | | | | |
| <i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck | Cultivada | | NE | Limão | Alimentícia/ Medicinal | Fruto | | | Árvore | 4 0,16 |
| <i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck | Cultivada | | NE | Laranja | Alimentícia/ Medicinal | Fruto/ casca | | | Árvore | 5 0,2 |
| Solanaceae | | | | | | | | | | |
| <i>Capsicum annum</i> L. | Cultivada | | NE | Pimentão | Alimentícia | | | | Arbusto | 1 0,04 |
| <i>Capsicum chinense</i> Jacq. | Naturalizada | | NE | Pimenta | Alimentícia | | | | Arbusto | 2 0,08 |
| <i>Solanum tuberosum</i> L. | Cultivada | | NE | Batata | Alimentícia | | | | Erva | 1 0,04 |
| Verbenaceae | | | | | | | | | | |
| <i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson | Nativa | | NE | Erva-cidreira/ Camará | Medicinal | Folhas | Chá | Calmante | Arbusto | 7 0,28 |
| Zingiberaceae | | | | | | | | | | |
| <i>Elettaria cardamomum</i> (L.) Maton | Cultivada | | NE | Cana-do- brejo/Folha do brejo | Medicinal | Folhas | Chá | Problemas renais | Erva | 2 0,08 |

Fonte: Elaboração pelo(s) autor(es)

As famílias mais representativas foram Fabaceae, com nove espécies (11,71%), seguida por Araceae, com seis espécies (7,14%) (Figura 2). Euphorbiaceae e Lamiaceae apresentaram cinco espécies cada (5,95%), enquanto Poaceae contou com quatro espécies (4,76%). Um total de 22 famílias foram representadas por uma única espécie e, juntas, constituem 26,19% do total da riqueza registrada.

Figura 2. Riqueza de espécies por família botânica das plantas citadas pelos informantes-chave na comunidade Quilombola Lagoinha, Casa Nova, Bahia.

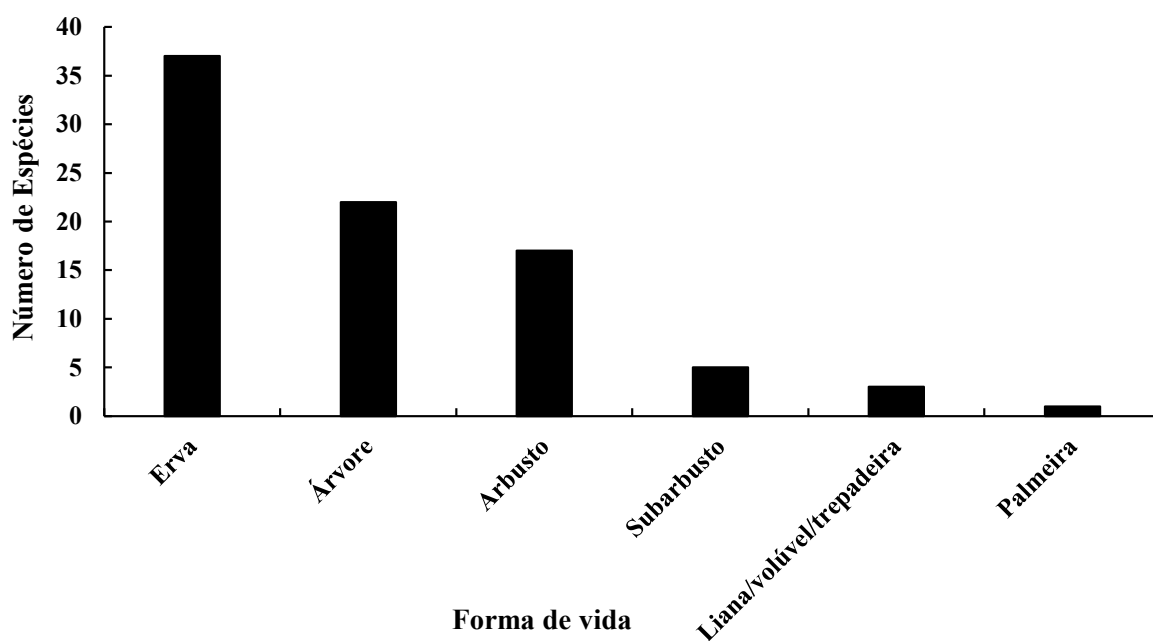


Fonte: Autoria própria

Em outros estudos realizados em diferentes áreas do semiárido nordestino, a família Fabaceae também se mostrou predominante (Felix et al., 2019; Gomes & Bandeira, 2012; Costa et al., 2023). As espécies dessa família foram citadas em três categorias de uso, evidenciando sua diversidade de usos. Essa ocorrência pode ser explicada pela alta representatividade da família, que no Brasil conta com 2.807 espécies distribuídas em 222 gêneros (15 endêmicos), presentes em quase todos os biomas e ecossistemas do país (BFG, 2015). As famílias Euphorbiaceae e Lamiaceae também são representadas por espécies com diversos usos na comunidade estudada, sendo igualmente comuns na Caatinga e destacadas em outros estudos etnobotânicos, como os de Carvalho et al. (2021), em comunidades rurais da Paraíba, e Silva et al. (2017), em uma comunidade rural no Piauí.

Quanto a forma de vida mais observada, predominou-se erva com 36 espécies (43,35%), seguido de árvore com 22 espécies (25,88%), arbusto com 17 espécies (20%), subarbusto com 5 (5,88%), trepadeira com 3 (3,53%) e palmeira com 1 (1,18%) (Figura 3). Costa (2013), obteve resultados parecidos em um levantamento no município de Frei Martinho, localizado na Mesorregião da Borborema e na Microrregião do Seridó Oriental da Paraíba. Na comunidade de Lagoinha, a predominância de ervas está associada, principalmente, aos usos medicinal, ornamental e alimentício, pois a maioria dessas espécies é de fácil manejo, de rápido crescimento e pode ser cultivada em quintais ou hortas. Já as árvores e arbustos estão principalmente relacionados aos usos medicinal e alimentício, fornecendo recursos mais duradouros, como madeira, frutos, sementes e folhas. A predominância dessas formas de vida, associados aos seus usos mais citados (medicinal e alimentício) pode refletir necessidades da comunidade, tanto relacionadas à subsistência quanto à limitada disponibilidade de serviços de saúde.

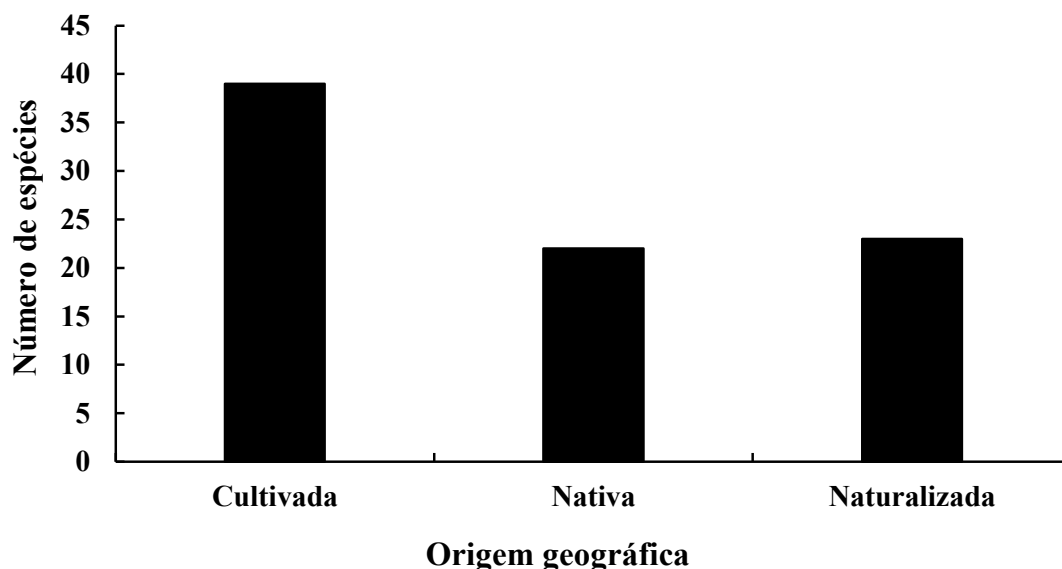
Figura 3. Hábitos das espécies citadas pelos informantes-chave na comunidade Quilombola Lagoinha, Casa Nova, Bahia.



Fonte: Elaboração pelos autores

No que se refere à origem geográfica das espécies, do total citado, 39 são cultivadas, 23 são naturalizadas e 22 são nativas (Figura 4). As únicas espécies nativas e endêmicas da Caatinga registradas foram: *Cereus jamacaru* DC. (Cactaceae), *Cnidoscolus obtusifolius* Pohl ex Baill. (Euphorbiaceae) e *Cenostigma pyramidale* (Tul.) Gagnon & G.P.Lewis (Fabaceae), também registradas em outros estudos realizados em regiões do semiárido (Almeida et al., 2005; Marinho et al., 2011). Não houve registro de espécies ameaçadas de extinção.

Figura 4. Origem geográfica das espécies citadas pelos informantes-chave da Comunidade Quilombola Lagoinha, Casa Nova, Bahia.



Fonte: Elaboração pelos autores

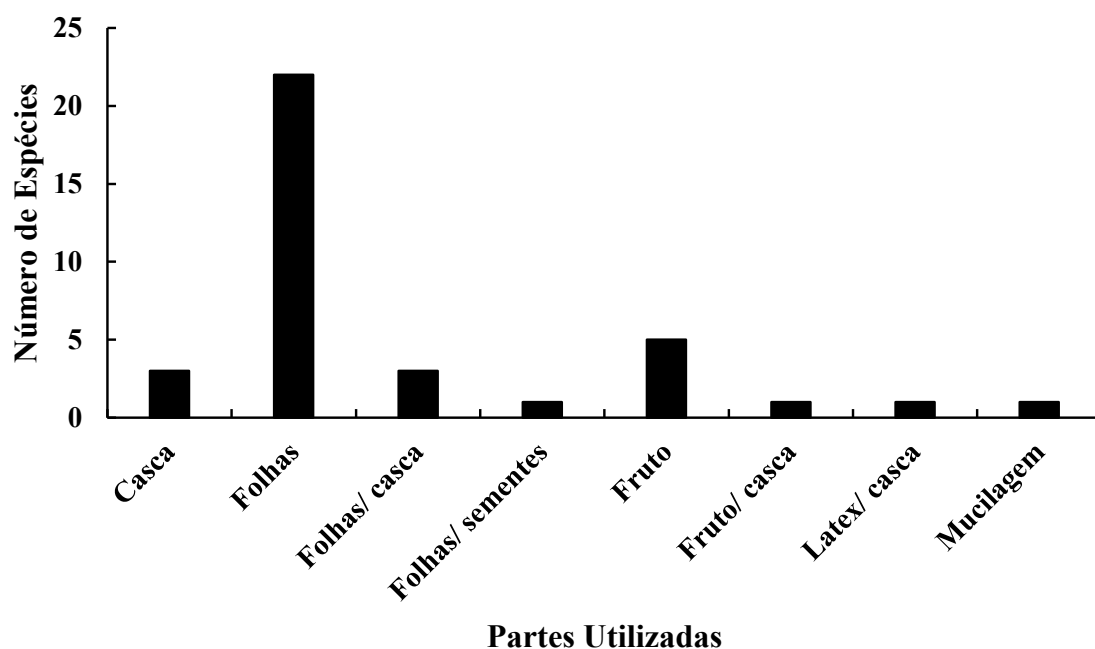
Dentre as espécies cultivadas, *Zea mays* L. (Poaceae) foi a mais mencionada, utilizada na alimentação, resultado também observado por Ávila et al. (2015), seguida por *Phaseolus vulgaris* L. (Fabaceae), igualmente utilizada na alimentação, e *Coleus amboinicus* Lour. (Lamiaceae), utilizada na forma medicinal para o tratamento de problemas pulmonares.

No que se refere às espécies naturalizadas, *Opuntia ficus-indica* (L.) Mill. (Cactaceae) foi a mais citada, utilizada tanto na alimentação animal quanto como Planta Alimentícia Não Convencional (PANC), resultado também encontrado por Machado (2013). Em regiões da África e do Mediterrâneo, essa espécie é comumente usada na forma medicinal, especialmente no tratamento de diabetes e problemas urinários (Ghazouani et al., 2024; Patti et al., 2025). Esses resultados estão de acordo com outros estudos etnobotânicos que também registraram predominância de espécies exóticas. Por exemplo, Silva et al. (2024), em um levantamento realizado em uma comunidade rural no município de Monsenhor Hipólito, Piauí, identificou 71 espécies exóticas e 61 nativas.

Em relação às partes das plantas utilizadas para fins medicinais, as folhas foram as mais citadas, com 22 espécies (57,89%), seguidas dos frutos, com 5 espécies (13,16%), casca e folhas/casca, com 3 espécies cada (7,89%), e látex/casca, fruto/casca, mucilagem, folhas/flor e folhas/semente, com 1 espécie cada (2,63%) (Figura 5). Resultado semelhante foi observado por Rodrigues et al. (2020) em comunidades rurais do município de Cabaceiras do Paraguaçu, Bahia. As folhas são as partes mais citadas, por sua disponibilidade na planta durante a maior parte do ano, e por apresentarem princípios ativos e terapêuticos que curam enfermidades comuns na população brasileira (Guerra et al., 2012; Rodrigues et al., 2020; Silva et al., 2015). Isso se aplica, principalmente para algumas espécies medicinais cultivadas e naturalizadas

encontradas nos quintais, que, diferente de espécies nativas endêmicas da Caatinga, permanecem com folhas.

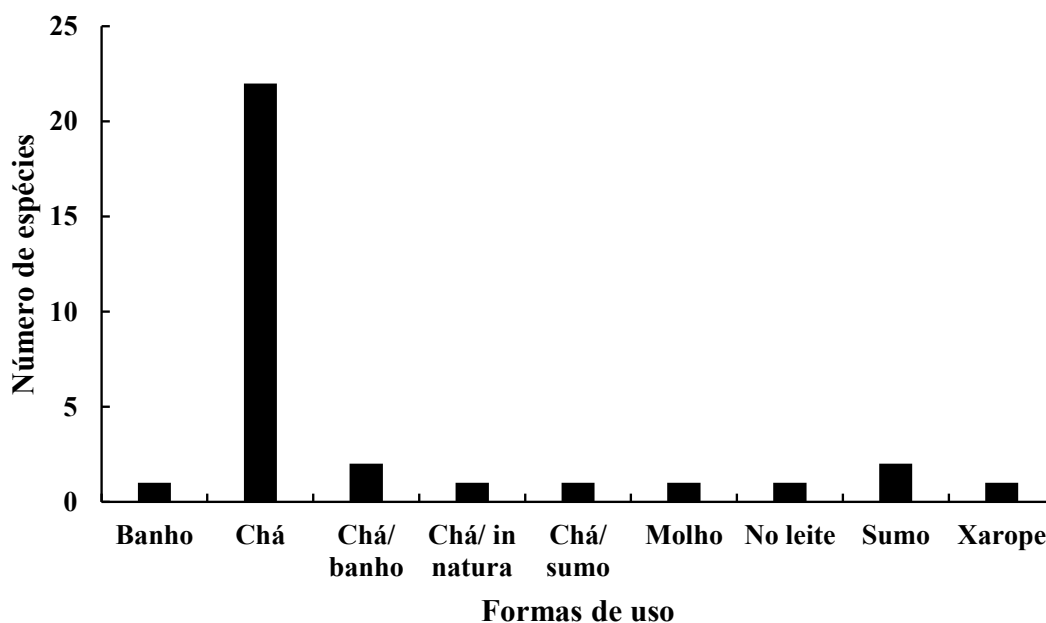
Figura 5. Partes utilizadas das espécies citadas pelos informantes-chave da Comunidade Quilombola Lagoinha, Casa Nova, Bahia.



Fonte: Elaboração pelos autores

Em relação às formas de uso das plantas medicinais, considerando um total de 32 espécies nessa categoria, o preparo em chá se destacou, com 20 espécies, correspondendo a 68,75% dos casos (Figura 6). Esse resultado é semelhante ao observado por Figueira et al. (2024), em uma comunidade quilombola no município de Senhor do Bonfim, Bahia. Outras formas de uso incluíram chá combinado com banho e sumo, ambas citadas para 2 espécies (6,25%), enquanto as demais formas de uso foram registradas para apenas 1 espécie cada (3,13%).

Figura 6. Formas de uso das espécies citadas pelos informantes-chave da Comunidade Quilombola Lagoinha, Casa Nova, Bahia.



Fonte: Elaboração pelos autores

Valor de uso (VU)

As espécies com maior Valor de Uso (VU) foram: *Zea mays* (0,68), *Manihot esculenta* (0,64) e *Phaseolus vulgaris* (0,60). Os resultados indicam o quanto essas espécies são requisitadas pela comunidade. *Z. mays* apresentou o VU mais alto, evidenciando sua importância para a população quilombola. Durante as entrevistas, os moradores relataram que é uma espécie de fácil cultivo, demandando pouca água, além de ser versátil, servindo tanto para alimentação humana quanto animal. Resultado semelhante foi observado por Costa et al. (2023), em um levantamento realizado em uma comunidade de fundo de pasto no município de Juazeiro, Bahia, onde *Z. mays* também apresentou alto VU, demonstrando seu valor para alimentação da comunidade.

A espécie *M. esculenta* possui grande importância cultural para a população de Lagoinha (Figura 7, A-C). Souza (2023), em estudo realizado na mesma comunidade, relata que a “mãe-mandioca” também envolve uma grande estrutura de trabalho coletivo (Figuras 6, A-C), promovendo a união entre os moradores.

Figura 7. Produção de alimentos utilizando *Manihot esculenta* L. (Euphorbiaceae) na Comunidade Lagoinha, Casa Nova, Bahia. A e C: Comunidade reunida na raspagem do alimento. B: Produção da farinha de mandioca.



Fonte: Elaboração pelos autores

Durante o cultivo da mandioca, os benefícios são compartilhados, reforçando os laços comunitários. Além disso, grande parte do sustento e da alimentação da comunidade depende da mandioca (Figura B).

Já a espécie *Phaseolus vulgaris* tornou-se popular na comunidade após o cultivo da mandioca não ter sucesso em muitas residências, principalmente devido à escassez de água. Com a persistência da seca, a cultura tem se transformado: as pessoas mais velhas já não são mais as mesmas, e os jovens têm se dedicado a outras atividades, o que tem diminuído a produção (Souza, 2024). Desse modo, a espécie *P. vulgaris* surge como alternativa estratégica diante das dificuldades e, junto com as demais espécies representam não apenas recursos essenciais para a sobrevivência, mas também símbolos da resiliência, conhecimento e identidade cultural da comunidade.

CONCLUSÃO

A pesquisa documentou as plantas cultivadas pela comunidade de Lagoinha, evidenciando as dificuldades enfrentadas e as estratégias adotadas pelos moradores para adaptar

seus cultivos às condições do Semiárido. O levantamento também possibilitou o registro do conhecimento tradicional sobre as espécies, promovendo o compartilhamento de saberes entre as famílias e demonstrando como esses conhecimentos permanecem na comunidade.

Nesse contexto, a agroecologia se revela uma ferramenta estratégica, pois incentiva a produção sustentável, a diversificação dos cultivos e a segurança alimentar. O cultivo da mandioca e de outras espécies reflete escolhas e adaptações que demonstram a resiliência e a experiência acumulada ao longo de gerações. Além disso, o estudo evidencia a relação dos povos tradicionais com o território e reforça a importância de valorizar práticas ancestrais, destacando a necessidade de capacitação, recursos e políticas públicas que apoiem a continuidade da agricultura familiar. Portanto, este trabalho contribui não apenas para a compreensão científica da flora cultivada no Semiárido, mas também para o fortalecimento social, cultural e produtivo da comunidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda a equipe do Centro de Estudos em Biologia Vegetal (CEBIVE) pelo apoio nas coletas de dados e nas expedições de campo.

Manifesto também minha gratidão a todos os moradores de Lagoinha que gentilmente abriram suas casas, compartilharam seus saberes e contribuíram com o preenchimento dos questionários etnobotânicos. Sem a participação, confiança e generosidade de cada um, este trabalho não teria sido possível.

Ao Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR), pelo financiamento do projeto de pesquisa. Ao Núcleo de Ecologia e Monitoramento Ambiental (NEMA) e ao Centro de Estudos em Biologia Vegetal (CEBIVE) pelo suporte estrutural e logístico imprescindível para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBERGARIA, E.T.; SILVA M.V.; SILVA, A.G (in memoriam). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em comunidades rurais localizadas na Unidade de Conservação Tatu-Bola, município de Lagoa Grande, PE - Brasil. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 137-154, 2019.

ALBUQUERQUE, U.P. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. 16, 2002.

ALBUQUERQUE, U.P. Introdução a Etnobotânica. 2.ed. Rio de Janeiro: **Interciência**, 2005. 93p.

ALBUQUERQUE, U. P.; SOLDATI, G. T.; SIEBER, S. S.; MEDEIROS, P. M.; SÁ, J. C.; SOUZA, L. C.. Rapid ethnobotanical diagnosis of the Fulni-ô Indigenous lands (NE Brazil): floristic survey and local conservation priorities for medicinal plants. **Environment, development and sustainability**, v. 13, n. 2, p. 277-292, 2011.

ALBUQUERQUE, U.P.; SILVA, J.S.; CAMPOS, J.L.A.; SOUSA, R.S.; SILVA, T.C.; ALVES, R.R.N. The current status of ethnobiological research in Latin America: gaps and perspectives. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 9, n. 72. 2013.

ALBUQUERQUE, U.P.; NASCIMENTO A.L.B.; SOLDATI, G. T. FEITOSA, I.V.; CAMPOS, J.L.A.; HURRELL, J.A.; HANAZAKI, N.; MEDEIROS, P.M.; SILVA, R.R.V.; LUDWINSKY, R.H.; FERREIRA JÚNIOR, W.S.F.; REYES-GARCÍA, V. Ten important questions/issues for ethnobotanical research. **Acta Botanica Brasilica**, v.33, n.2, p. 376-385, 2019.

ANJOS, R.S.A. Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil Primeira Configuração Espacial 2. ed. Brasília, **Mapas Editora & Consultorias**, 2000.

BRASIL. Decreto nº 6.040 de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília: Presidência da República. Brasília, 2007.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO/SP (CPI/SP). **Há 30 anos, a Constituição reconhecia os direitos quilombolas**. Disponível em: <http://cpisp.org.br/ha-30-anos-constituicao-reconhecia-os-direitos-quilombolas/>

DAVIS, E. W. Ethnobotany: An old Practice, A New Discipline in Ethnobotany: Evolution of a Discipline, Schultes, R.E. e Von Reis, S., **Dioscorides Press**, Portland, Oregon, E.U.A.,1995.

DIEGUES, Antonio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: **NUPAUB - Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras** –USP/Hucitec, 2008.

GAOUE, O.G.; COE, M.A.; BOND, M.; HART, G.; SEYLER, B.C.; MCMILLEN, H. Theories and Major Hypotheses in Ethnobotany. **Economic Botany**, v. 71, n. 3, p. 269–287, 2017.

LUCENA, C.M.; LUCENA, R.F.P. Histórico, definição e importância da etnobotânica. In: LUCENA, R. F. P. et al. (org.). **Perspectivas e avanços na Etnobiologia**: Uma avaliação na Conferência Internacional do Brasil. 1. ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

MARQUES, José G. W. **O olhar (des)multiplicado**: o papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. In: AMOROZO, M. C.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. (Ed.). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro, SP: Sociedade Brasileira de Etno-biologia e Etnoecologia, 2002.

MMA (Ministério do Meio Ambiente). **FAQs - Desenvolvimento Rural - Povos e Comunidades Tradicionais**: Quais as características das comunidades tradicionais?, 2020b. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/perguntasfrequentes.html?catid=16>

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. **Economic Botany**, p. 15-32, 1993.

ROCHA, J.A.; BOSCOLO, O.H.; FERNANDES, L.R.R.M.V. Etnobotânica: um instrumento e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Interações**, Campo Grande, 16 (1):67-74, 2015.

SILVA, N. C. B.; REGIS, A. C. D.; ALMEIDA, M. Z. Estudo Etnobotânico em Comunidades Remanescentes de Quilombo em Rio de Contas – Chapada Diamantina - Bahia. **Revista Fitos**, v. 7, n. 2, p. 99-109, abr./jun. 2012.

SCHULTES, R.E.; REIS, S.V. (eds.). *Ethnobotany: evolution of a discipline*. Cambridge, **Timber Press**. 1995.

VELLOSO, AGNES L.; SAMPAIO, EVERARDO V.S.B.; PAREYN, FRANS G.C. (eds.). *Ecorregiões propostas para o bioma Caatinga*. Recife: **Associação Plantas do Nordeste; The Nature Conservancy do Brasil**. 2002.